



## A Deficiência na Mídia: olhares sobre o “outro”<sup>1</sup>

Tatiane Hilgemberg<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### Resumo

Na sociedade contemporânea atomizada, o corpo é cada vez mais, usado como marcador de distinção e como uma entidade que está em processo de tornar-se. Contudo, as pessoas com deficiência funcionam como um lembrete desconfortável de que nós podemos não estar totalmente no controle de nosso destino e que nossos corpos e mentes estão vulneráveis. Dado sermos uma cultura avidamente consumidora de mídia, as notícias veiculadas, os filmes e séries televisivas, o cinema e até mesmo a publicidade, têm um impacto significativo nas atitudes e percepções do público perante as pessoas com deficiência. Assim, este estudo tem por objetivo, através de uma revisão de literatura, trazer alguma luz no que tange às representações da deficiência pelos meios de comunicação, ou seja apresentar os principais estereótipos presentes nos meios de comunicação acerca desse grupo. No entanto não temos pretensões de encerrar um assunto tão intrincado e complexo.

**Palavras-chave:** Deficiência; Mídia; Corpo; Outro.

### 1. Introdução

Em nossa sociedade somos, cada vez mais, impelidos a atingir o ideal corporal imposto, a atingir o sucesso em um ambiente educacional altamente competitivo, a acumular o máximo de saúde, status e independência nos locais de trabalho, e tornarmos-nos pessoas desejáveis através da imagem, vestuário, papéis desempenhados, e habilidades. Assim dentro dessa cultura narcisista, faz algum sentido que as partes de nós que não se enquadram nessas expectativas tornem-se inaceitáveis para nós.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Bolsista Capes, Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto/ Portugal e Membro do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). tatianehilgemberg@gmail.com



Atualmente as cirurgias estéticas, depilação, personal trainers, dietas e uma série de tratamentos de saúde e beleza, são caminhos utilizados pelo sujeito moderno para corrigir “falhas” em sua aparência. Na sociedade contemporânea atomizada, o corpo é, para muitas pessoas, uma das poucas áreas de controle e auto-expressão remanescentes, uma vez que se não se tem controle sobre a complexidade da sociedade, pelo menos se consegue controlar, em alguns casos, algumas características corporais como forma e tamanho. O corpo é, assim, cada vez mais, usado como marcador de distinção e como uma entidade que está em processo de tornar-se; um projeto que deve ser trabalhado e realizado como parte da identidade do indivíduo (SHILLING, 1993). Contudo, as pessoas com deficiência funcionam como um lembrete desconfortável de que nós podemos não estar totalmente no controle de nosso destino e que nossos corpos e mentes estão vulneráveis.

Alguns autores (HALLER, 2000; THOMAS e SMITH, 2003) veem as representações midiáticas não como disseminações de informações, mas sim como um enquadramento e um reforço de uma visão específica sobre as pessoas com deficiência. Dado sermos uma cultura avidamente consumidora de mídia, as notícias veiculadas, os filmes e séries televisivas, o cinema e até mesmo a publicidade, têm um impacto significativo nas atitudes e percepções do público perante as pessoas com deficiência (SAFRAN, 1998). Dessa forma as atitudes acerca destes indivíduos a partir das representações midiáticas podem se desenvolver em um misto de piedade e inspiração pelo enfrentamento.

O ex-presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt exemplifica bem a importância da imagem midiática. Presidente por quatro mandatos, Roosevelt tinha grande dificuldade de movimentos como consequência da poliomielite, e por conta disso, desenvolveu uma tática cuidadosamente orquestrada para disfarçar a extensão de sua paralisia. O ex-presidente quase nunca aparecia em sua cadeira de rodas ou tentando andar com o auxílio de muletas. Roosevelt empregava outras estratégias, tais como chegar primeiro em uma reunião para que ele estivesse sentado quando os outros chegassem, nunca se levantar em público, e o serviço secreto intervinha se



alguém tentasse fotografar a extensão de sua paralisia. Assim a imagem era de um líder forte, ativo e vigoroso, ou seja, sentiu-se a necessidade de modelar sua imagem, como se um presidente cadeirante não pudesse oferecer a liderança forte, enérgica e ativa necessária (NELSON, 1994).

Assim, este estudo tem por objetivo trazer alguma luz no que tange às representações da deficiência pelos meios de comunicação, através de uma revisão de literatura, sem, no entanto ter pretensões mirabolantes de encerrar um assunto tão intrincado e complexo.

## 2. Estereótipos na televisão

A televisão é uma das mais importantes formadoras de opinião, e em consequência pode reforçar ou mudar atitudes. E como as pessoas com deficiência foram e são representadas? Talvez a mais antiga e persistente imagem seja a da pessoa com deficiência como monstro ou aberração. Imagem essa que foi difundida através da cultura em contos de fada, filmes, literatura, e entretenimento. Na literatura temos diversos exemplos de vilões que apresentam deficiências: a bruxa de “João e Maria” manca; o personagem Capitão Gancho de “Peter Pan” é amputado; Shakespeare “dá” ao personagem Richard III, em Macbeth, um corpo com deformidades – na vida real Richard III não era deficiente – a fim de combinar com sua personalidade maléfica. Além de personagens que são de alguma forma amaldiçoados e passam a ter deficiência, como a perda da voz de Ariel em “A Pequena Sereia”; Édipo, em Édipo Rei, que fica cego como castigo pelos “pecados” que cometeu contra sua família. Um estudo que analisou a representação de personagens com deficiência em revistas em quadrinhos (WEINBERG e SANTANA, 1978) verificou que 57% desses personagens eram vilões, 43% heróis e nenhum era neutro.

Os meios de comunicação retratam as pessoas com deficiência ou como vilões, cujo mal é simbolizado por uma deficiência, geralmente física, que é colocada



em primeiro plano, ou como “coitadinhos” aflitos ou “super-heróis” que se atreveram a realizar tarefas diárias, em teletons<sup>3</sup> que buscam arrecadar fundos (NELSON, 1994).

Ao mapear a representação das pessoas com deficiência na televisão americana Nelson (1994) identificou os sete principais estereótipos: digno de pena e patético; super-herói; sinistro, vilão e criminoso; melhor se estivesse morto; desajustado; fardo; incapaz de viver uma vida bem sucedida.

Entre o final da década de 1970 e início de 1980 dois estudos (LEONARD, 1978, apud NELSON 1994; DONALDSON, 1981) mostraram que a televisão estigmatizava as pessoas com deficiência, sendo personagens televisivos impotentes, egoístas, iletrados, e por isso objetos de pena e cuidado, além de na maioria das vezes aparecerem apenas em papéis secundários. Leonard (1978, apud NELSON, 1994) estudou exaustivamente a representação das pessoas com deficiência no horário nobre dos três principais canais da televisão americana, sua principal conclusão: a televisão estigmatiza esses indivíduos. Dos personagens analisados 40% eram representados de forma infantilizada, eram predominantemente de uma classe social mais baixa e estavam desempregados ou ocupando posições consideradas de menor status social. Dois terços eram solteiros, e mais da metade sofria de abusos físicos ou verbais; outros dois terços eram dependentes e três quartos submissos. No geral eram considerados não-humanos e virtualmente estáticos na sociedade.

Cumberbatch e Negrine (1992) monitoraram a televisão britânica por um período de oito semanas em 1988, sua principal conclusão é de que as pessoas com deficiência não são sub-representados nos programas televisivos, elas são na verdade mal representadas ou representadas parcialmente. Os enredos mais comuns ligavam as pessoas com deficiência ao tratamento médico ou cura, bem como programas que focavam em suas “conquistas especiais”. Em contraste, as pessoas com deficiência

---

<sup>3</sup> Teleton é uma maratona televisiva anual, geralmente um dia inteiro de programação dedicado ao tema, que surgiu nos Estados Unidos em 1966 sob o nome de *Teletthon*. O objetivo da “maratona” é arrecadar uma quantia em dinheiro para a assistência de pessoas com deficiências, dos mais variados tipos, e que não possuem condições financeiras para arcar com o tratamento. No Brasil, foi realizado pela primeira vez em 1998, e o valor arrecadado é direcionado à Associação de Assistência a Criança Deficiente (AACD).



eram vistas muito menos em programas de ficção, e quando apareciam eram altamente estereotipadas, como criminosos, inumanos, ou patéticos e fracos. Não eram representados como membros comuns da sociedade, e como vimos anteriormente, também eram utilizadas para evocar emoções de pena ou medo, ou contribuindo para criar uma atmosfera de mistério, privação ou perigo.

Ross (1997) em seu trabalho também concluiu que os programas de ficção tendiam a representar a pessoa com deficiência de forma negativa, e os documentários concentravam-se nas pessoas ou como “sofredoras porém corajosas”, ou “indefesas e dependentes”.

### **3. Personagens com deficiência na indústria fílmica**

Diversos autores afirmam que no cinema os personagens com deficiência são, geralmente, menos complexos e identificados por sua diferença, que é explorada pelos roteiristas a fim de dar ares mais dramáticos e emocionais à história (LONGMORE, 1985; WOLFSON e NORDEN, 2000). Além disso, esses personagens representam, muitas vezes, os vilões da trama. Em diversos filmes podemos perceber o uso da deficiência, em especial aquelas mais visíveis, para a personificação do mal, como por exemplo, a deformidade do vilão “Duas Caras” em “Batman”, ou no filme “GoldenEye” (1995, “007 contra Goldeneye”), em que há uma nítida relação entre maldade, traição e a condição de fisicamente desfigurado do personagem. As deformidades do corpo simbolizam a deformidade da alma, e as deficiências físicas são vistas com emblemas do mal.

A relação entre deficiência e vilões reflete e reforça, de forma exagerada, três preconceitos comuns contra pessoas com deficiência: deficiência como punição pelo mal cometido; as pessoas com deficiência são amarguradas por conta de seu ‘destino’; as pessoas com deficiência ressentem-se das sem deficiência e, se pudessem, destruí-las-ia. Intimamente relacionado à caracterização criminosa, porém distinta dela, encontra-se a representação das pessoas com deficiência no cinema de horror como “monstros” (LONGMORE, 1985). Alguns exemplos são “The Hunchback of Notre



Dame” (1981, “O Corcunda de Notre Dame”) e “The Phantom of the Opera” (1983, “O Fantasma da Ópera”). As características típicas dessa representação envolvem a deformidade do corpo e da personalidade. Assim, percebe-se que tanto o estereótipo de criminoso quanto o de monstro envolvem a ideia de perda de parte da humanidade. Tal corrobora com o que Goffman (1988) descreve como natureza do estigma, ou seja, a pessoa estigmatizada é vista como menos-que-humana, ou sub-humana. Em geral, em alguns filmes de horror e em quase todos com temática relacionada ao crime, o personagem com deficiência isola-se da sociedade por conta de seu comportamento perigoso. Contudo em algumas histórias de terror, como por exemplo, no próprio “Corcunda de Notre Dame” citado, o personagem é excluído pelo medo e desprezo sentido pela maioria. E mesmo quando são representados de forma simpática como vítimas da intolerância, mantém-se claro que deficiências severas tornam a inclusão muito difícil (LONGMORE, 1985). E para ambos, criminosos e monstros, o final é, geralmente, a morte.

Ao analisar a representação das pessoas com deficiência no cinema e na televisão, Longmore (1985) afirma que a partir dos anos 1970/1980 um novo estereótipo surge, o personagem severamente deficiente que tenta suicidar-se como forma de se livrar da deficiência, geralmente envolvendo temas como suicídio assistido e eutanásia. Aqui também há um sentido de perda da humanidade, principalmente quando termos como “vivendo com vegetal” e “não é mais um homem” aparecem. Entre o final dos anos 1980 e início dos 1990 a imagem midiática que prevalecia era do deficiente desajustado. Geralmente envolvendo personagens com deficiências físicas, amarguradas e autopiedosas, que não tendo se ajustado e aceitado a deficiência, tratam mal aqueles que o rodeiam. A história geralmente termina com “uma chamada à realidade” por um personagem sem deficiência, que afirma a necessidade do outro em se aceitar. Essa representação sugere que a deficiência é também um problema psicológico de auto-aceitação, e o preconceito social raramente é narrado, na verdade, os personagens sem deficiência não têm qualquer problema em aceitar a deficiência do outro.



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Outra imagem presente é a compensação, ou seja, aqueles personagens que lidam de forma responsável com sua deficiência receberiam, de uma entidade superior, dons espirituais, morais e emocionais a fim de compensar a dor que os aflige, ou seja, o “super-herói”, alguém que, contra todas as expectativas, triunfa sobre a “tragédia da própria condição”. Em termos de dramaticidade, o triunfo sobre a deficiência é utilizada como metáfora para as lutas humanas diárias contra os obstáculos do caminho. Podemos citar o filme “My Left Foot” (1989, “Meu Pé Esquerdo” no Brasil) como exemplo do uso do estereótipo de “super-herói”. Quando o personagem principal, o artista com deficiência, Christy Brown escreve com seu pé esquerdo na lousa seu pai declara “Este é Christy Brown, meu filho. Gênio!” (Tradução livre da autora), e o leva para um bar. Somente quando Christy começa a se comportar de uma forma que pode ser considerada extraordinária é que ele é aceito pelo pai.

Existem alguns filmes em que a pessoa com deficiência é retratada de forma comum, como em “Children of a Lesser God” (1986, “Filhos do Silêncio”, no Brasil) e “Boyz in the Hood” (1991, “Os Donos da Rua”), contudo esses tipos de papéis são muito menos frequentes.

Norden (1994), corroborando as ideias de Longmore (1985), traz ainda para discussão as formas com que as pessoas com deficiência são isoladas no cinema. Segundo este autor alguns mecanismos como posição das câmeras tomando como partida uma pessoa sem deficiência, distância física entre os personagens com e sem deficiência, além da trama, são utilizados pensando-se unicamente em um espectador sem deficiência, a fim de gerar uma separação física e simbólica. Tal isolamento é reflexo de como a sociedade lida com a questão da deficiência. Isso é uma questão de poder, pois a maioria dominante fará qualquer coisa para manter-se no poder, e sua estratégia é manter as minorias, tais como as pessoas com deficiência, em “seus devidos lugares”.

A indústria fílmica perpetuou ou criou certo número de estereótipos que inspiram pena, medo, humor, admiração e outros, que sozinhos ou combinados



refletem o tema do isolamento. Norden (1994) analisou 300 filmes, entre 1890 e 1990, e a partir dessa análise Wolfson e Norden (2000) identificaram 10 estereótipos fílmicos:

1) O “Superstar”, uma pessoa que possui desempenho notável em áreas com esporte, arte, política ou medicina e que não deixa a deficiência interferir em sua vida; como em “Sunrise at Campobello” (1960, “Dez Passos Imortais”), que conta a história do ex-presidente Franklin Roosevelt.

2) O “Cômico Desventuroso”, personagem que possui uma deficiência que causa problemas a ele, a outros, ou a ambos; como por exemplo na clássica comédia “See No Evil, Hear No Evil” (1989, “Cegos, Surdos e Loucos”) em que os personagens, um surdo e outro cego, testemunham um crime.

3) O “Idoso Ingênuo”, personagem mais encontrado na era do cinema mudo. Idoso que por conta de uma deficiência (geralmente visual) é facilmente enganado por personagens jovens e sem deficiência. Como exemplo, “The Four Horsemen of the Apocalypse” (1921, “Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse”), no qual um homem cego ignora que sua esposa esteja tendo um caso com um soldado.

4) O “Guru High-Tech”, geralmente um personagem masculino cadeirante que possui habilidade para lidar com alta tecnologia. Em “The Anderson Tape” (1972, “O Golpe”) um jovem cadeirante utiliza um sofisticado sistema de comunicação e vigilância para seguir os passos de um criminoso e notificar a polícia do roubo.

5) O “Nobre Guerreiro”, ou veterano de guerra, personagem típico nos períodos que se seguiram às Primeira e Segunda Guerras Mundiais e à Guerra do Vietnã. O clássico dessa época é o filme “The Best Years of Our Lives” (1946, “Os Melhores Anos de Nossas Vidas”).

6) O “Vingador Obsessivo”, é um personagem, geralmente masculino, que não descansa até se vingar dos responsáveis por sua deficiência, ou por ter violado seu código moral de alguma outra forma. Como exemplo, temos o clássico da ação “Speed” (1994, “Velocidade Máxima”), no qual um vingativo deficiente ameaça explodir um ônibus cheio de passageiros, caso o motorista reduza a velocidade.





7) O “Santo Sábio”, outro personagem idoso e cego, que tem a habilidade de “ver” coisas que outras pessoas não veem. Estereótipo típico dos filmes da década de 1930 e 1940, como em “Bride of Frankenstein” (1935, “A Noiva de Frankenstein”).

8) O “Doce Inocente”, geralmente uma criança ou jovem mulher, é uma figura pura, humilde, assexuada, piedosa e digna de pena, que comumente recebe uma cura milagrosa. Dois exemplos: a vendedora de flores em “City Lights” (1931, “Luzes da Cidade”), e o personagem homônimo de “Forest Gump” (1994).

9) A “Maravilha Tecnológica”, é um personagem cuja prótese (geralmente de alta tecnologia) funciona melhor do que a parte ou órgão substituído. Na trilogia “Stars Wars” (1977, 1980, 1983) há dois personagens que se enquadram nessa descrição: Darth Vader que se tornou uma “maravilha ambulante de efeitos biônicos”, e Luke Skywalker cujas mãos biônicas funcionam melhor do que suas mãos “originais”.

10) A “Vítima”, geralmente de uma classe social mais baixa e que acaba por morrer no final. Como a vítima cadeirante de um assassinato psicótico em “Kiss of Death” (1947, 1995 “Beijo da Morte”).

Os autores dividem essas representações fílmicas em três períodos históricos: do final de 1890 ao fim dos anos 1930; os anos da Segunda Guerra Mundial até 1970; e de 1970 até o fim de 1990. No primeiro período encontramos os estereótipos do “Cômico Desventuroso”, “Doce Inocente”, “Vingador Obsessivo” dominando centenas de filmes, e a presença também do “Idoso Ingênuo”, “Santo Sábio” e “Vítima”. Durante o período da Segunda Guerra representações mais sensíveis apareceram, principalmente o “Nobre Guerreiro” e o “Superstar”. No terceiro período, os personagens eram representados como pessoas que, por acaso, também tinham deficiências, os estereótipos “Maravilha Tecnológica” e “Guru High-Tech” distinguíam pela tridimensionalidade dos personagens.

O mais importante dessas representações midiáticas é pensar o que elas falam sobre as pessoas com e sem deficiência.



When disabled children see close screen connections between evil and their physical condition it cannot contribute to a positive self-image: when they see that supercrip is the acceptable public face of disability, they are not affirmed as valuable people for who they are or what they achieve, but rather defined in terms of their limitations, their achievements defined in terms of overcoming these physical limitations” (HARTNETT, 2000, p. 23).<sup>4</sup>

Em uma perspectiva semiológica Woodill (1994) distinguiu tipos diferentes de metáforas sobre as pessoas com deficiência difundidas na cultura popular ocidental: a humanitária, deficiência como infortúnio vista em campanhas de caridade e teletons; a médica, deficiência como doença, presente na literatura médica; o estranho, pessoa com deficiência como o “outro”; a religiosa, deficiência como plano divino; a retribuição deficiência como punição por pecado cometido; o controle social, deficiência como ameaça; e a metáfora do zoológico, pessoa com deficiência como entretenimento, em freak shows, circos, etc. Os tipos de metáfora e as formas como essas metáforas são utilizadas podem variar de acordo com o contexto e o tipo de mídia no qual está inserida.

#### **4. A deficiência sob a ótica da publicidade**

Durante décadas as pessoas com deficiência ficaram ausentes nas publicidades. O fato de a publicidade apenas admitir pessoas fisicamente “belas” como representantes de produtos limitou a inclusão das pessoas com deficiência neste setor, além disso as marcas temiam que associar sua imagem à de um indivíduo com deficiência fosse afastar os consumidores (FARNALL, 2000), bem como o medo de receberem críticas por estar explorando a imagem dessas pessoas. Da mesma forma fracassaram em reconhecer o potencial consumidor da população com deficiência.

As pessoas com deficiência só começaram a aparecer na publicidade americana a partir de 1983 em uma publicidade da CBS que usava um atleta com

---

<sup>4</sup> Quando as crianças com deficiência veem na tela uma conexão próxima entre o mal e sua condição física, tal não pode contribuir para uma autoimagem positiva: quando elas veem que os super-heróis são a face da deficiência aceita pelo público, elas não são confirmadas como pessoas valiosas pelo que são ou pelo que conquistaram, mas sim definidas em termos de suas limitações, suas conquistas em termos de superação dessas limitações físicas (Tradução livre da autora).



deficiência. Há também a vertente do Center for Advertising History que acredita que a marca Target Stores foi a primeira a utilizar a imagem da pessoa com deficiência em comerciais (FARNALL, 2000). Como solução para evitar críticas, a publicidade apresentava essas pessoas não como desamparados e dependentes, mas sim como atraentes, ativos e envolvidos em relacionamentos “normais”. É na área da publicidade que encontramos as representações mais positivas das pessoas com deficiência.

A pesquisa realizada por Farnall (2000) separou as publicidades encontradas nos arquivos do National Museum of Advertising History nos Estados Unidos, em dois grupos. O primeiro data da década de 1920 e traz uma imagem negativa das pessoas com deficiência, caracterizadas por desenhos à mão de corpos desfigurados esperando por próteses, e pôsteres de coadjuvantes em *freak shows*. O outro grupo pode ser classificado como propaganda de caridade, no qual encontram-se posters de crianças com deficiência para publicitar organizações sem fins lucrativos, e spots televisivos geralmente retratando uma criança usando cadeira de rodas, ou muletas ou próteses condenada a uma vida lamentável caso os espectadores não contribuam. Essa representação era muito comum nos teletons da década de 1970. A partir dos anos 1980, a publicidade tanto televisiva quanto impressa já utilizava imagem de pessoas com deficiência. Em 1985 empresas como a Levi's Jeans, McDonalds, Kodak também incluíram deficientes em suas campanhas.

Campbell (1990) distingue três fases da publicidade envolvendo pessoas com deficiência: filantrópica; “corajosos e excepcionais”; e “olhe a eficiência e não a deficiência”. O que mostra uma evolução positiva da publicidade, ou seja, deixa de representar esses indivíduos como figuras “bizarras” e “coitadinhos”, para a representação da pessoa como pessoa e não como deficiente.

## **5. A pessoa com deficiência nas páginas dos jornais**

Smith e Jordan (1991) ao analisar as caracterizações da deficiência em jornais impressos britânicos durante um período de oito semanas perceberam que os temas



recorrentes giravam em torno de saúde, caridade/arrecadação de fundos, e histórias de interesse pessoal.

Já no Brasil, Vimieiro (2010), ao analisar as interpretações públicas sobre o tema da deficiência na mídia impressa, traçou duas fases históricas dessa trajetória. A primeira que vai de 1960 a 1976, no qual a ideia de integração ou normalização das pessoas com deficiência era amplamente difundida, traz um material com predominância do enquadramento médico, da educação, da caridade e do trabalho, com algumas aparições da capacitação. A segunda fase que data de 1984 a 2008 traz como principal enquadramento o dos direitos.

Em 1990 Clogston desenvolveu cinco modelos de representação da deficiência pela mídia noticiosa; cinco anos depois Haller completou o esquema apresentando mais três parâmetros para análise. Os três primeiros modelos se enquadram naquilo que Clogston chama de tradicional, ou mais estigmatizador: primeiro é o modelo médico, no qual a deficiência é apresentada como doença ou disfunção, causando um estado de dependência e passividade; segundo está o modelo sócio-patológico, em que a pessoa com deficiência é vista como desfavorecida e deve, por isso, buscar o governo ou a sociedade para ajuda econômica, considerada uma dádiva e não um direito; e em terceiro o modelo do super-deficiente, aqui a pessoa é retratada como desviante por conta de suas características super-humanas ou especiais, uma vez que elas vivem suas vidas cotidianas apesar da deficiência. Os outros dois modelos são considerados por Clogston (1990) como progressivos por representar as pessoas com deficiência como indivíduos ativos e inseridos na sociedade: o quarto modelo é então o direitos civis da minoria, que legitima a pessoa como membro da comunidade com deficiência e que por isso possui direitos; e em quinto está o modelo do pluralismo cultural, a pessoa é vista como multifacetada e suas deficiências não estão no foco. Haller (2000) adiciona outros três modelos: o sexto é modelo comercial, no qual a pessoa com deficiência e o acesso à sociedade são representados como custosas para todos, e para o mercado principalmente; em sétimo está o modelo legal, no qual a pessoa com deficiência possui direitos legais e pode vir a processar alguém por



preconceito; e em oitavo encontra-se o modelo do consumidor, em que a pessoa com deficiência é vista como alguém disposta a gastar seu dinheiro com produtos, podendo ser lucrativa para o mercado e sociedade.

## 6. Reflexões finais

A comunicação constitui um elemento fundamental da sociedade tendo a mídia, direta ou indiretamente, impacto nas formas de conhecer, pensar e agir do público, dado que influenciam os modos de conhecer e interpretar a realidade bem como as formas de relacionamento e de intervenção na vida social (CORREIA, 2000, p. 13 e 16).

Portanto ao produzir uma mensagem, a mídia também produz sentido. Numa sociedade influenciada pelos meios de comunicação, estes podem ter um grande impacto em nosso conhecimento e atitude acerca das pessoas com deficiência. Pelo exposto percebemos a importância dos meios de comunicação em relação às pessoas com deficiência, pois a pouca informação e contato de que dispomos sobre a questão da deficiência advém da mídia (PEREIRA, 2008), dando a ela portanto o poder sobre o tipo de informação veiculada, e os estereótipos associados.

Percebemos assim que ao veicular quaisquer acontecimentos e informações, a mídia institui um contrato de leitura, um vínculo com seu leitor, telespectador, ou ouvinte. Dessa forma, ela passa a organizar sua agenda de acordo com o interesse do público baseado na aceitação, atualidade, empatia, interesse público, índices de audiência, entre outros. Os meios de comunicação transformam, dessa forma, os acontecimentos em espetáculos movidos pela cultura de massas, e também, por uma busca incessante por maiores índices de audiência. Por lidarem com a produção, reprodução e disseminação de informação que fundamentam a compreensão de grupos sociais – visão social e auto-imagem –, a mídia se tornou um instrumento chave na divulgação e criação de representações sociais (ALEXANDRE, 2001).

## 7. Referências Bibliográficas



ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum.** 6(17), 111-125. 2001.

CAMPBELL, J. **Developing our Image** – Who's in Control? Disponível em [www.leeds.ac.uk/disability-studies/archieuk/Campbell/DEVELOPING%20OUR%IMAGE.pdf](http://www.leeds.ac.uk/disability-studies/archieuk/Campbell/DEVELOPING%20OUR%IMAGE.pdf). Acesso em: 04 Maio 2008.

CLOGSTON, J. S. **Disability Coverage in 16 Newspapers**. Louisville: Advocado Press, 1990.

CORREIA, F. **Jornalismo e Sociedade**. Lisboa: Editorial Avante, SA, 2000.

CUMBERBATCH, G; NEGRINE, R. **Images of Disability on Television**. Londres: Routledge, 1992.

DONALDSON, J. The Visibility and Image of Handicapped People on Television. **Exceptional Children**, 47, 6, 1981.

FARNALL, O. Invisible no More: Advertising and People with Disabilities. In: BRAITHWAITE, D. O.; THOMPSON, T. L. (Eds.), **Handbook of Communication and People with Disabilities: Research and application**. Marwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rev. téc.: Gilberto Velho. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

HALLER, B. If They Limp, They Lead? News representations and the hierarchy of disability images. In: BRAITHWAITE, D. O.; THOMPSON, T. L. (Eds.), **Handbook of Communication and People with Disabilities: Research and application**. Marwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

LEONARD, B. D. **Impaired View**: Television portrayals of handicapped people. 1978. 350p. Tese de Doutorado não publicada. Universidade de Boston, Boston, 1978 apud NELSON, J. A. (Ed.) *The Disabled, the media, and the information age*. Westport, CN: Greenwood Press, 1994.

LONGMORE, P. K. Screening Stereotypes: Images of Disabled People. **Social Policy**, 16, 1, 31-37. 1985.



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

NELSON, J. A. Broken Images: Portrayals of those with disabilities in American media. In: NELSON, J. A. (Ed.) **The Disabled, the media, and the information age**. Westport, CN: Greenwood Press, 1994.

NORDEN, M. F. **The Cinema of Isolation**: A history of physical disability in the movies. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994.

PEREIRA, O. **Representações Sociais dos Atletas Paralímpicos nos Media Impressos Portugueses** – estudo efectuado em dois Jornais Diários Generalistas e dois Jornais Diários Desportivos. Porto: O. Pereira. Dissertação apresentada às provas de Mestrado em Ciências do Desporto FADEUP. 2008.

ROSS, K. **Disability and Broadcasting**: A view from the margins. Cheltenham, Reino Unido: Cheltenham and Gloucester College of Higher Education, 1997.

SAFRAN, S. P. The First Century of Disability Portrayal in Film: An analysis of the literature. **The Journal of Special Education**, 31, n. 4, 1998.

SHILLING, C. **The Body and Social Theory**. Londres: Sage, 1993.

SMITH, S.; JORDAN, A. **What the Papers Say and Don't Say about Disability**. London: Spastics Society, 1991.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. **Sport Education and Society**, 10, p. 49-67. 2003.

VIMIEIRO, A. C. S. C. **Cultura Pública e Aprendizado Social**: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008). Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

WEINBERG, N.; SANTANA, R. Comic Books: Champions of the disabled stereotype. **Rehab Lit**, 39, 11-12, 1978.

WOLFSON, K.; NORDEN, M. F. Film Images of People with Disabilities. In: BRAITHWAITE, D. O.; THOMPSON, T. L. (Eds.), **Handbook of Communication and People with Disabilities**: Research and application. Marwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

WOODILL, G. The social semiotics of disability. In: RIOUX, M. H.; BACH M. (Eds.), **Disability is not measles**. New research paradigms in disability (pp. 201-226). North York, ON: Roehar, 1994.